

AMBIENTE Estudo apresentado em 1995 e que analisou todas as inundações do rio Piracicaba desde 1930 aponta que o problema ocorre, em média, a cada cinco anos

Enchentes seguem padrões estatísticos

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jppjournal.com.br

Se a intensidade da enchente do rio Piracicaba desta semana surpreendeu moradores e a Administração Municipal, principalmente a Defesa Civil, não representou nenhum mistério para o engenheiro ambiental Fernando Frosini de Barros Ferraz, que em 1995 apresentou no Cena (Centro de Energia Nuclear na Agricultura) o trabalho Aplicação de Sistemas de Informação Geográfica em Estudo de Área Urbana em Piracicaba Sujeita à Inundação.

A conclusão principal do estudo, que analisou estatisticamente todas as enchentes ocorridas no rio Piracicaba, desde 1930 ao ano em que foi publicado, é que há um prazo estatístico de ao menos cinco anos para que haja uma ocorrência do tipo.

“Há um período de recor-

rência de cinco anos, prazo que estatisticamente se repete em média a cada vez que há uma inundação. Se demora mais que esse prazo, significa que será uma ocorrência ainda maior. A probabilidade sempre aumenta e uma hora acaba acontecendo”, destaca Ferraz.

O amplo estudo elaborado pelo cientista permite prever, com base nos dados estatísticos, onde a água vai chegar. O trabalho tem uma tabela, com base na estatística de Guimbel, em que se cruzam os anos a frente de 1995 com o nível de amplitude da enchente.

A tabela do estudo mostra que há, a partir de 2010, uma probabilidade de 39,7% de ocorrer na cidade uma enchente do mes-

mo padrão que se repete a cada 50 anos. E acabou acontecendo. Em termos históricos, Ferraz destaca que a pior cheia do rio Piracicaba foi mesmo a de 1970,

**Em 1970,
águas
atingiram a
Pinacoteca
Municipal**

quando as águas atingiram a altura da Pinacoteca Miguel Dutra.

“Naquele ano a vazão do rio chegou à marca dos 1.200 metros cúbicos por segundo, mas deve ter sido mais porque a enxurrada levou o medidor”.

lembra. Na quinta-feira, chegou-se ao ponto máximo de 1.140 metros cúbicos por segundo. A de 1983, que ficava historicamente com o segundo lugar, foi suplantada pela cheia deste ano. Naquele ano, chegou-se aos 1.050 metros cúbicos por segundo de vazão.

“O curioso é que esta enchente de 1983 não aconteceu em janeiro, como estamos mais acostumados. Meu estudo mostrou que se distribuíram entre vários meses”, destaca. Em dezembro aconteceram 11 enchentes, janeiro 22, fevereiro (o mês mais atingido) 28, março 22, abril oito, maio sete e junho oito. Ferraz comenta que o problema das enchentes em Piracicaba, para além das estatísticas, está ligado ao descaso e à falta de controle no desenvolvimento.

“Hoje sabemos que existe toda uma questão de falta de planejamento. Há uma região de várzea que foi ocupada sem controle e que parece que o rio chama de volta. Aquelas casas na beira do rio não deveriam ter sido construídas daquela forma, mas já foram há mais de 100 anos. Então, se não há o ideal para fazer, que seria desocupar esta área, o que geraria enormes demandas so-



Para Fernando Frosini Ferraz, cheia de agora não é surpresa

ciais, pelo menos que se encare isso de forma mais séria”, declara.

DEFESA CIVIL — A questão da Defesa Civil e seu precário aparelhamento é algo que teria de ser pensado com urgência, assim que a água voltar a

seu curso normal, na avaliação. “A Defesa Civil não me deixa preocupado. Eles é que deveriam ficar preocupados. Eles deveriam ter mecanismos de fazer alertas à população a respeito das proporções das enchentes”, conclui Ferraz.